

## A história escrita pela imagem: as interseções entre texto e imagem na produção do conhecimento histórico no Brasil oitocentista

PAULO ROBERTO DE JESUS MENEZES\*

*Um bom retrato sempre me parece uma biografia  
dramatizada, ou melhor, como o drama natural inerente  
a qualquer homem.*

Charles Baudelaire

O debate historiográfico dá conta de que a escrita histórica no Brasil oitocentista está intrinsecamente ligado ao surgimento do IHGB<sup>1</sup>. Daí o caráter acadêmico de seus escritos biográficos. Ao tomar obras que continham imagens como um contraponto àquelas elaboradas apenas por texto quero propor outra leitura da escrita histórica do oitocentos. Meu intuito é o de visualizar a possibilidade de uma inflexão nesta escrita no que toca aos seus cânones. Este ponto é ainda pouco visível aos olhos daqueles que veem no modelo difundido pelo Instituto a principal fonte de inspiração e difusão do conhecimento histórico no Império e desconsideram as transformações ocorridas na sociedade imperial, em especial a crescente urbanização e o desenvolvimento de um mercado de imagens cada vez mais disputado. Uma análise criteriosa das chamadas *obras ilustradas* pode nos mostrar as várias relações nelas imbricadas e suas consequências para a escrita histórica do século XIX no Brasil.

A fundação do IHGB contribuiu para que se consolidasse uma dada idéia de passado do Brasil oitocentista. Resignificar a pátria e difundir este novo conceito era a proposta do Instituto. Uma orientação neste sentido pode ser notada logo no primeiro

---

\* Mestre em História Social, UFRJ/ IFCS

<sup>1</sup> Refiro-me particularmente aos seguintes trabalhos: **GUIMARÃES**, Manoel Luiz Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*; **SCHWARCZ**, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e a questão racial no Brasil, 1870-1930*; \_\_\_\_\_. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*; **SOUZA**, Iara Lis Franco S Carvalho. *Pátria Coroada – O Brasil como Corpo Político Autônomo 1780-1831*; **WEHLING**, Arno. Estado, História e Memória e **REIS**, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*.

parágrafo do discurso de sua fundação<sup>2</sup>. Dentro desta perspectiva, as letras saíam do simples adorno para serem também o alicerce da boa sociedade. Ou seja, uma instituição de tal porte não podia furtar-se a colaborar com o esclarecimento dos cidadãos e dos homens com funções públicas. Logo, era preciso atingir os corações e mentes, até então dispersos em diversos pontos da ex-colônia para, a partir daí, consolidar uma dada identidade.

Sendo assim, a proposta a orientar este trabalho é, por um lado, refletir sobre a difusão do conhecimento histórico e, por outro, discutir a importância da experiência visual para a sociedade do Brasil oitocentista e seu desdobramento na elaboração de um discurso histórico, ou melhor, de uma escrita histórica moderna baseada na fusão de linguagens aparentemente excludentes (texto e imagem) mas que juntam-se para formar uma nova maneira de percepção social e, porque não, uma nova cultura histórica.

A historiografia tem sido mais ou menos consensual em afirmar que o século XIX pode ser compreendido como o século de consolidação da sociedade burguesa, de implantação do capitalismo industrial e também da afirmação dos nacionalismos europeus, ou melhor, ocidentais. Naquele momento, surgiram várias sociedades de pesquisa particulares ou governamentais que tornavam a atividade do historiador fonte de tensões e disputas, mas que também, de algum modo, favoreceram o crescente interesse por este campo de conhecimento

Na Europa, a consolidação do pensar histórico estava intimamente ligada à discussão da nação. Ir ao passado como uma forma de legitimar e dar sentido ao presente daquele novo homem perpassava a atividade do historiador. Buscava-se em épocas passadas os elementos fundadores dos povos e das comunidades nacionais. A noção de nacionalidade era fortalecida pelo desenvolvimento de uma empatia com o tempo remoto aliados a um crescente individualismo.

---

<sup>2</sup> O trecho ao qual me refiro traz, em linhas gerais, a função pragmática do instituto. Diz o autor: “Não se compadecia já com o gênio brasileiro, sempre zeloso da glória da pátria, deixar por mais tempo em esquecimento os fatos notáveis da sua história, (...). Eis o motivo Senhores, porque dois membros do conselho da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, e também sócios do Instituto Histórico de Paris,(...) se animaram a propor a fundação de um Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que sob os auspícios de tão útil quanto respeitável sociedade curasse de reunir e organizar os elementos para a história e geografia do Brasil, espalhados por suas províncias, e por isso mesmo difíceis de se colher por qualquer patriota que tentasse escrever exatamente tão desejada história”. BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso do Primeiro Secretário Perpétuo do Instituto”. Revista do IHGB, tomo I, 1839, p.9.

Surgia uma nova forma de escrever ou fazer História. Inaugurava-se, por assim dizer, a possibilidade de o ser humano sofrer ou ser sujeito de mudanças em função de sua exposição aos fatos e acontecimentos. O homem passou a ser caracterizado a partir de seu modo de vida. Seus hábitos passaram por grandes e rápidas mudanças. Tanto o mundo material quanto o simbólico libertavam-se dos limites impostos por antigos valores. Essas transformações marcaram de forma singular a produção cultural da época, notadamente as Academias de Artes, os Liceus e também instituições como os Institutos Históricos. O Oitocentos foi lido também como “tempos deploráveis”<sup>3</sup>, no qual o surgimento de uma nova indústria “muito contribuiu para destruir o que podia restar do divino espírito francês”<sup>4</sup>. Um mundo em grande transformação que tinha sua tônica no progresso técnico é o que assustava e ao mesmo tempo encantava os observadores mais atentos.

Em seus trabalhos biográficos os historiadores do IHGB, influenciados claramente ao modelo pragmático de escrita histórica, no momento em que se dispunham a escrever a história da nação buscavam em seus filhos mais ilustres os exemplos:

*E não oferecerá uma história verídica do nosso país essas lições, que tão profícuas podem ser aos cidadãos brasileiros no desempenho de seus mais importantes deveres? Neste período de pouco mais de três séculos não terão aparecido, neste fértil continente, varões preclaros por diversas qualidades, que mereçam os cuidados do circumspecto historiador e que se possam oferecer as nascentes gerações como tipos de grandes virtudes? (BARBOSA, 1839: p.14).*

Este foi certamente um importante modelo no qual se pautou grande parte da escrita biográfica do oitocentos, em especial aquelas provenientes dos letrados do IHGB. No entanto, para além da produção intelectual do Instituto, outras formas de escrita despontaram no Império com o surgimento da fotografia e a difusão de novos

---

<sup>3</sup> Esta foi a denominação dada ao século XIX pelo poeta Charles Baudelaire. BAUDELAIRE, Charles. *A Modernidade de Baudelaire /Apresentação de Teixeira Coelho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 70. Neste trecho a preocupação do autor é o vertiginoso crescimento da fotografia ocorrido na França após a sua invenção.

meios para reprodução de imagens – em especial a litografia<sup>5</sup> - marcando fortemente esta produção: as Galerias ilustradas. Estas obras, produzidas e publicadas nos mais diversos formatos, traziam uma importante peculiaridade: as biografias compunham-se também pelo retrato do homenageado, uma inovação no Brasil do século XIX, mas uma técnica já utilizado pelo italiano Giorgio Vasari<sup>6</sup> no século XVI. De qualquer forma, tais trabalhos eram produzidos para serem lidos e, principalmente, vistos.

Ora, a visão como prova irrefutável dos fatos é em nossos dias algo que não questionamos. Entretanto, sabemos que podemos ver aquilo que nos interessa, ou melhor, aquilo para o qual nossos olhos foram educados. Assim, percebemos que a imagem como um discurso construído passa não só pelo aprimoramento do olhar do espectador, mas também pelo desenvolvimento de técnicas como misturas de cores, ângulos de tomadas, entre outras e esta elaboração exige sofisticados arranjos mentais tanto por parte de quem cria quanto daquele que a interpreta. Uma montanha pode ser vista por diferentes olhares, certamente será sempre montanha, entretanto, será diversa a forma como o artista, o mineiro e o alpinista irão retratá-la e diversa também será a forma de apropriação. Para o objetivo desta comunicação importa perceber que a antiga expressão “eu vi, logo é verdadeiro” toma no século XIX importante dimensão. A grande tendência em classificar, nomear e difundir tem seu auge no oitocentos. Para isto foi preciso, fundamentalmente ver e descrever.

Mas o debate historiográfico sobre a veracidade do visível e aquilo que se diz através de textos é constante. Esta questão levou François Hartog a afirmar que “desde a antigüidade e passando por médicos e historiadores, a vista é tida como importante instrumento do conhecimento” (HARTOG, 1999: 273-283). Tal observação, segundo Hartog, não teria o objetivo de reduzir esses discursos a um denominador comum, mas apontar o que parece ser, certamente, uma constante epistemológica. Segundo ele, “Xenófanes dizia que, para saber é preciso ter visto, e Aristóteles escreve, nas primeiras

---

<sup>5</sup> O poeta Charles Baudelaire em *O pintor da vida moderna* tem uma visão negativa desta técnica e a associa a arte menor. Cf. BAUDELAIRE, Charles. *A Modernidade de Baudelaire/ apresentação de Teixeira Coelho*; tradução, Suely Cassal, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>6</sup> Trata-se do pintor e arquiteto italiano Giorgio Romolo Vasari que escreve o livro *As Vidas dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos*, cuja a edição que traz o retrato do biografado é de 1568. Cf. KAPLAN, Nancy Ridel. *As Vidas de Vasari: o início da historiografia da arte italiana*. I Seminário de História: Caminhos da Historiografia Brasileira Contemporânea. UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/seminariodehistoria>>.

linhas da Metafísica: “Preferimos a vista a todo resto.” A causa disso é que a vista é, de todos os sentidos, aquele que nos faz adquirir mais conhecimentos e o que nos revela mais diferenças.

Para Sandra Jatahy Pesavento (PESAVENTO, 2005: 87-89), o valor documental da imagem para o historiador está em retratar um época em seus sonhos, fantasias e expectativas sociais. Ou seja, à pesquisa histórica, serviriam para exibir as representações que homens e mulheres tinham de si próprios e do mundo bem como os valores e conceitos experimentados e que queriam passar atingindo, assim, de forma direta ou subliminar, a dimensão simbólica da representação. Neste sentido, tomar as textos ilustrados como fonte de pesquisa pode nos fornecer uma visão de como o mundo histórico ressignificava as imagens em sua representação.

Assim, este outro modelo de escrita contendo a imagens constituiu-se em uma nova forma estética de conceber o texto histórico. Esta não é uma questão menor posto que neste momento também a biografia assumia contornos de escrita histórica. Neste caso, trata-se, principalmente, da sua incorporação ao mundo não-acadêmico, ou seja, o conhecimento histórico ampliava-se dos círculos letrados para outros setores da sociedade, em especial, os artísticos e a imprensa.

A história escrita pela linguagem visual tem, então, na biografia um importante fonte de circulação. Ela representa o novo, moderno e até certo ponto o revolucionário. Ligada ao desenvolvimento das técnicas de produção e reprodução, principalmente a fotografia e litografia, está mais “disponível” em uma sociedade na qual os letrados são ainda um pequeno contingente. Por outro lado, a escrita textual, no estilo ihgebiano, representa o antigo, o tradicional. Mas não há uma polarização entre elas. Ao contrário, as linguagens se combinam para aprofundar a idéia de “verdade histórica”, com a imagem funcionando como a prova inequívoca do narrado.

Neste sentido, obras como as *galerias de ilustres*, muito comuns ao longo do século XIX, reúnem duas importantes formas de expressão cujo foco principal é o indivíduo: o gênero biográfico e o retrato. Nelas, texto e imagem misturam-se para formar um conjunto homogêneo de complementaridade recíproca. Aparentemente ligadas à questão nacional, tais obras ligavam-se ao crescente processo de individualização e diferenciação pelo qual passava a sociedade tornando-se um objeto de consumo para uma elite abastada ciosa por reconhecimento, admiração e distinção.

Se no campo político tais fatores equivaliam à elaboração simbólica de uma nacionalidade, no campo estritamente social eles desaguavam nas vidas das pessoas célebres. Para além das palavras, a imagem, cada dia mais acessível devido ao desenvolvimento das técnicas, colaborava com este aspecto possibilitando uma diferenciação tanto interna quanto externamente.

De cunho claramente pedagógico tais obras traziam em seu bojo toda uma rede de simbolismo ligada entre si pelo uso das duas linguagens. Divulgadas em diferentes meios como jornais e revistas ilustradas, eram o elo de ligação de pessoas dos mais diferentes lugares contribuindo, desta forma, para a elaboração simbólica da idéia do “novo homem brasileiro”.

Sendo assim, a escrita biográfica como fator para elaboração de uma memória estava perfeitamente inserida na lógica dos homenageados. A narrativa seguia algumas diretrizes que não estavam em nenhum manual, mas sim na idéia de homem ideal corroborada por todos os membros da “boa sociedade.” Desta forma, foi também a partir desta escrita que os “brasileiros ilustres” puderam ser salvos de “um injusto esquecimento”. É ela que ao ser elaborada fazia a ligação entre a história e a memória, funcionando como um dos amálgamas da coesão social.

Editadas em um momento histórico singular, as galerias nos mostram parte da considerada “boa sociedade” imperial. Nela, tal qual em uma galeria de arte, indivíduos com suas biografias e imagens estavam expostos à apreciação pública não só em um nítido exemplo da história como mestra da vida mas também para deleite dos próprios retratados.

#### Referências bibliográficas

BANN, Stephen. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1)

BARBOSA, Januário da Cunha. *Discurso de Fundação do IHGB*. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, vol.1, 1839.

BAUDELAIRE, Charles. *A modernidade de Baudelaire/ apresentação de Teixeira Coelho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna* (organizador Teixeira Coelho). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção Estudos).

BURKE, Peter (Org). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

CARVALHO, José Murilo de. *Nação e cidadania no Império: novos horizontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte*. Rio de Janeiro: 2001.

ENDERS, Armelle. “O Plutarco Brasileiro”: *A Produção dos Vultos Nacionais no Segundo Reinado*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, V.14, No. 25: 2000. P.41-62.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira. *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

FURET, François. *A Oficina da História*. Lisboa: Gradiva, 1988.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, 1 : 5-27, 1988.

\_\_\_\_\_. *A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar*. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, pp. 9-24.

HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: Ensaio Sobre Representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Século XIX e a História: o caso Fustel de Colanges*. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 2003.

\_\_\_\_\_. *Regime de Historicidade*. Texto da Conferência proferida em outubro de 2005 no IFCH/UFRGS, cedido pelo autor.

IPANEMA, Rogéria Moreira de. *A Idade da Pedra Ilustrada. Litografia: um monolito na gráfica, e no humor do jornalismo do século XIX no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado em História e Crítica de Arte. Rio de Janeiro, UFRJ, Escola de Belas Artes.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LORIGA, Sabina. *A Biografia como Problema*. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de Escala: A Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

MAUAD, Ana Maria. *Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado*. In: NOVAIS, Fernando A. (Org). *A história da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MACHADO, Humberto Fernandes. *O império do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Coleção História &... Reflexões, 5)

PLUTARCO. *Vidas*. Apresentação, seleção e tradução direta do grego por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, s/d. (Clássicos Cultrix).

PLUTARCO. *Alexandre e César: Prefácio de Mário da Gama Kury*. São Paulo: Ediouro, 2001.

SEGALA, Lygia. *Ensaio das Luzes sobre um Brasil Pitoresco: o projeto fotográfico de Victor Frond, 1857-1861*. Rio de Janeiro, Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, 1998.

TOMÁS, Facundo. *Escrito, pintado*. Madrid: A. Machado Libros, 2005.

TURAZZI, Maria Inez. *Poses e trejeitos: A fotografia e as exposições na era do espetáculo – 1839/1889*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

ZENHA, Celeste. *O Brasil de Rugendas nas Edições Populares Ilustradas*. In: Topoi, Revista de História/ Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, no. 5, Rio de Janeiro, Editora 7 letras, 2002.